

Feminismo na Televisão Aberta: O programa Amor & Sexo¹

Stephanie Ayliane Almeida de SÁ²
Centro Universitário do Vale do Ipojuca, Caruaru, PE

RESUMO

O artigo analisa a representação do movimento feminista na televisão aberta, a partir do programa Amor & Sexo, transmitido pela Rede Globo. Partindo de uma discussão que usa como base elementos da Semiótica e da Análise do Discurso, o objetivo é entender que artifícios possibilitam que a mídia atue como reguladora dos movimentos sociais e, em especial, do feminismo, garantindo a manutenção do seu público tradicional e atraindo os que estão envolvidos com temáticas socialmente engajadas.

PALAVRAS-CHAVE: feminismo; televisão; comunicação; sexualidade.

INTRODUÇÃO

A figura do feminino tem uma representação controversa na mídia. Na publicidade, as mulheres costumam ser retratadas como objeto sexual que atua como atrativo para a compra de itens diversos, sejam bebidas alcóolicas, automóveis ou qualquer outro produto que tenha o público masculino como alvo. Apesar disso, na ficção e, especialmente, na dramaturgia, essa figura assume com frequência o papel de passividade e inércia, sendo utilizada para pregar lições de submissão e inferioridade.

Uma das ferramentas utilizadas para manter essa hierarquia – que, por ser extremamente comercial, favorece os detentores dos meios de comunicação – é a relação de poder que é estabelecida entre a imprensa e o movimento feminista. Esse esquema é traduzido por Méndez (2007) como um contato construído por meio de práticas de dominação e resistência.

No cenário contemporâneo, esse quadro é ilustrado pela representação que os movimentos têm assumido. Por meio de um súbito apoio às causas sociais, a imprensa, o cinema e a publicidade estabeleceram uma fórmula que garante a aprovação desse público que está em expansão.

Usando muitas cores, um discurso liberal e uma postura convidativa, a mídia se coloca como parceira de movimentos como o feminismo, limitando-o a pautas pontuais e pouco objetivas. Por meio desses elementos, é possível garantir que as discussões sejam mantidas em um patamar superficial e evitar que os veículos sejam vistos como “inimigos” no processo de conquista de direitos.

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAVIP, e-mail: stephanieayliane@gmail.com

Como a mídia faz parte de um esquema capitalista baseado em valores patriarcais (SAVIETTO, 2015), esse posicionamento permite que ela se torne responsável por legitimar não só o movimento feminista, como todos os outros movimentos sociais. Apoiando as reivindicações que são consideradas “aceitáveis” e utilizando ironia e sarcasmo para reprovar as pautas mais “radicais”, os veículos passam a atuar como reguladores da causa.

Um dos exemplos da aplicação desse discurso é o programa Amor & Sexo (Rede Globo), que marcou o início de sua décima temporada com uma edição que tratava exclusivamente sobre o feminismo. Entre as pautas abordadas, estavam a liberdade sexual, a violência doméstica e os papéis de gênero impostos pela sociedade patriarcal.

Como o programa é exibido na maior emissora do país, é compreensível que, ao debater o discurso de um movimento que é tido costumeiramente como “agressivo”, seja necessário fazer adaptações para a aumentar a aceitação do público tanto em relação ao conteúdo como em relação à causa em questão.

A crítica apresentada neste artigo, no entanto, é direcionada ao modo com que esse tema é abordado, já que, sem a devida sensibilidade, a tentativa de torná-lo mais didático pode atuar como um desserviço para o movimento.

Análise do programa

O número de abertura do programa foi uma apresentação de dança protagonizada pela apresentadora Fernanda Lima, as cantoras Gaby Amarantos e Karol Conká e um grupo de mulheres, ao som da música Piranha, do cantor Alípio Martins (**Figura 1**). Durante o espetáculo musical, foram utilizadas cores fortes, como azul, vermelho e laranja, além de uma combinação de luzes e brilhos que fazem com que o momento se assemelhe a uma grande festa.



Figura 1 - O número de abertura

Como descrito por Farina (1990), a cor exerce uma ação tríplice: a de impressionar, a de expressar e a de construir. Assim, ao dar início ao programa de forma

tão eufórica, apresentando cores fortes e uma música que remete ao tabu do que é “ser piranha”, é possível prender a atenção do expectador enquanto é apresentada uma promessa de que a edição trará questões polêmicas de forma leve e descontraída.

Diante do fluxo de informações com que nos deparamos no cenário contemporâneo, os primeiros instantes de qualquer produto midiático têm grande influência na manutenção do público. Para garantir a audiência, é importante que, desde o início, o programa se apresente de forma atrativa e desperte o interesse dos expectadores. Por isso, a ideia de abrir a edição com esse espetáculo de informações visuais cumpre seu papel de chamar a atenção e de impressionar quem assiste.

Ao longo da apresentação, foram introduzidos os integrantes que comporiam a bancada do programa. Além dos membros tradicionais – a humorista Mariana Santos, o apresentador Otaviano Costa, o estilista Dudu Bertholini e o ator José Loreto –, a edição também teve a participação de duas feministas que, supostamente, conduziriam o debate do ponto de vista da militância: a pesquisadora Djamila Ribeiro e a roteirista Antonia Pellegrino.

A escolha das participantes revela um quadro recorrente na mídia em relação à abordagem das temáticas sociais: a presença mínima de ativistas na área. Por mais que, ao longo do programa, as duas tenham comentado sobre os temas de modo a acrescentar mais seriedade ao caráter de entretenimento que já é característico, a participação real que tiveram no debate não teve tanta significância quanto se esperaria de um debate sobre a temática.

Em seguida, foi apresentada uma cena que remete à tradicional queima de sutiãs, que, apesar de não ter acontecido literalmente, tornou-se um marco da história do movimento feminista na década de 60.

Em verdade, a ‘queima’ não ocorreu, mas a atitude das manifestantes foi ‘incendiária’. Uma pilha de objetos foi formada com sapatos de salto, sutiãs, cílios postiços, sprays de laquê, maquiagens, revistas femininas, espartilhos, cintas e outros ‘instrumentos de tortura’, como eram chamados, pelas manifestantes, os componentes da indumentária da época, e considerados objetos antissexistas da liberação feminina. Desde então, há uma ligação entre a cultura popular e a imagem feminista, perante a ‘queima de sutiãs’. (CAVALCANTI, 2013, p.45).

Para remontar o acontecimento (**Figura 2**), foi colocado um barril no centro do palco para que as mulheres pudessem clamar por uma série de direitos, como o de ser homossexual, o de usar roupas curtas e o de se expressar sexualmente de modo livre, enquanto queimavam os sutiãs coloridos que vestiam.

Mesmo no cenário contemporâneo, o ritual carrega uma grande simbologia por atuar em uma metáfora que associa o sutiã à feminilidade. Assim, a queima desses itens representaria a negação do papel de gênero atribuído às mulheres e do estereótipo do arquétipo feminino. Como a cena foi combinada com o grito de palavras de ordem, a

situação se torna ainda mais simbólica: a negação passa a ser não só do conceito de feminilidade, como a qualquer imposição que seja feita a essas mulheres.



Figura 2 - A queima de sutiãs

O que contradiz o momento é a fala de uma convidada que, ao caracterizar o que é “ser piranha”, afirma que o termo significa “dar (sic) na segunda noite [porque] mulher legal dá de primeira”, sendo ovacionada pelo público e pela apresentadora. A declaração carrega uma série de problemáticas que apenas reforçam os estereótipos atribuídos às mulheres.

Em seu estudo sobre a cultura sexual no Brasil, Richard Parker (1993) faz uma crítica a esse tipo de linguagem. Segundo ele, a separação de termos como “dar” e “comer” reforça o papel de inferioridade feminina dentro da relação sexual. Por meio desse vocabulário, é fortalecida a noção de que a sexualidade feminina está sujeita ao desejo masculino.

Além disso, a questão da liberdade sexual das mulheres dentro do feminismo vai muito além da possibilidade de manter uma vida sexual ativa. A grande questão tratada no movimento é o papel do consentimento, que deve nortear qualquer tipo de relação. Assim, ao associar ideais feministas puramente ao desejo de ser sexualmente ativa, a fala reduz a causa ao estereótipo já muito difundido de que o feminismo está ligado à “promiscuidade”.

Como descrito por Beauvoir (1967), a necessidade biológica ligada ao desejo sexual não promove uma libertação social da mulher, mas estabelece um novo esquema de dominação. Classificando a relação entre homem e mulher como um esquema de opressor e oprimido, a autora aponta que o papel atribuído à figura feminina continua sendo o de satisfazer às necessidades masculinas, mesmo que disfarçado de um desejo particular.

O senhor e o escravo estão unidos por uma necessidade econômica recíproca que não liberta o escravo. É que, na relação do senhor com o escravo, o primeiro não põe a necessidade que tem do outro; ele detém o poder de satisfazer essa necessidade e não a mediatiza; ao contrário, o escravo, na dependência, esperança ou medo, interioriza a necessidade que tem do senhor; a urgência da necessidade, ainda que igual em ambos, sempre favorece o opressor contra o oprimido. (BEAUVOIR, 1967, p.14)

Por meio da analogia da relação entre senhor e escravo, a autora resume o quadro: enquanto uma parcela da sociedade prega que a liberdade sexual feminina está ligada à manutenção de uma vida sexual ativa, sem qualquer crítica mais aprofundada sobre o panorama em que esse tipo de situação está inserida, o sistema de dominação sexual não é alterado. Desse modo, o posicionamento se torna mais uma forma de opressão.

Em seguida, outras convidadas também fazem menção à alegria de “ser piranha”, tratando o termo como elogio. Por mais que algumas correntes do feminismo apoiem a ideia de ressignificar esses termos pejorativos para promover o empoderamento feminino, a ideia não é unânime no movimento. Ao abraçar essa ação, a mídia fortalece ainda mais seu papel de reguladora da causa, determinando de que forma as ativistas devem se posicionar.

Durante o programa, o discurso apresentado aponta que o papel de promover a ressignificação desses xingamentos é atribuído exclusivamente às mulheres. Desse modo, fica explícito que, segundo a visão editorial do veículo, cabe a elas a responsabilidade de transformar as palavras que sempre foram utilizadas para denegri-las em algo positivo. A problematização cai, mais uma vez, em um lugar comum, sem abordar a problemática que essa visão de negação da sexualidade feminina comporta.

É muito superficial dizer que as mulheres devem aceitar os títulos ofensivos que lhes foram dados por tanto tempo e ressignificá-los sozinhas. É preciso tratar sobre o real problema da questão: a ideia de que a sexualidade masculina é aceita e de que a feminina é suja e negativa. Não é suficiente transformar os termos, é muito mais importante trabalhar na ressignificação do papel feminino na sociedade.

Essa postura reforça uma culpabilização da vítima, enquanto aponta que basta um esforço mínimo das mulheres para que a posição que ocupam na sociedade seja alterada. Em vários momentos do programa, a ideia reforçada é de que basta enxergar tais adjetivos como elogios que o cenário em que eles estão inseridos será automaticamente modificado.

Para Cunha e Fernandes (2014), esse posicionamento representa um dos traços associados à cultura do estupro, entendida como modo de controle cultural sobre os corpos das mulheres. Segundo os autores, o quadro não representa apenas desvios individuais, mas reflete expressões sociais e culturais inseridas no patriarcado.

Na cena seguinte, o humorista Eduardo Sterblitch, conhecido por fazer piadas machistas e preconceituosas, é apresentado como novo integrante da equipe do programa, introduzido pela apresentadora Fernanda Lima como “ex-machista”. Eduardo sai do barril em que os sutiãs foram previamente queimados, com palavras como “galinha”, “piranha” e “cachorra” coladas em seu corpo (**Figura 3**), e é submetido a um “teste de desconstrução machista”, sob ameaça de levar um choque, caso responda errado às perguntas feitas pela apresentadora.

Entre as questões abordadas, estavam temas como a diferença salarial entre homens e mulheres e representatividade política. Por meio do jogo de perguntas e respostas, a apresentadora pode apresentar de modo dinâmico informações que evidenciam a situação das mulheres no Brasil. Para tornar o quadro ainda mais informativo, as convidadas propuseram soluções que seriam capazes de reverter esse cenário.



Figura 3 - A aparição do humorista Eduardo Sterblitch

Outra fase do teste foi um jogo em que o humorista tinha que reformular rimas machistas em vinte segundos, sob ameaça de ter que mastigar pimenta, caso não conseguisse cumprir a prova. Desse modo, foi possível provocar uma reflexão sobre os arquétipos misóginos que são naturalizados e reproduzidos por meio de “piadas” e “brincadeiras”.

De acordo com Fonseca (1994), o humor é muito utilizado para estabelecer manifestações risíveis e dissimuladoras que explicitam as distorções socioculturais e político-econômicas da sociedade. Assim, associar o quadro da misoginia no país aos ditos e rimas populares é um modo de promover uma discussão mais profunda sobre o as ferramentas de perpetuação dos ideais opressivos.

Por mais que o programa tenha tratado o tema como parte da competição, o momento foi válido para propor uma reflexão que normalmente é ignorada pela mídia: a

de que o discurso de exclusão social nem sempre é objetivo e gritante e de que ele também pode ser difundido de modo sutil.

Depois do quadro, o programa assumiu um tom mais sóbrio, durante uma entrevista com uma prostituta que falou sobre a regulamentação da prostituição. Um dos temas abordados foi a “desumanização” da mulher, termo utilizado pela entrevistada para resumir a objetificação feminina, especialmente associada ao adultério.

A pauta também não é tratada de modo unânime dentro do movimento feminista. Neste caso, entretanto, a entrevistada e a apresentadora ressaltaram que existem muitas vertentes da causa e que alguns debates ainda estão em construção. O momento foi o primeiro em que o programa não tratou o movimento como algo homogêneo e superficial, deixando claro que, mesmo dentro de um grupo com ideais sociais similares, existem divergências.

Em seguida, foi discutida a questão da importância do prazer sexual feminino. Como já foi abordado, é comum que a sexualidade feminina seja negligenciada, já que é estabelecida uma relação de poder dentro do sexo heteronormativo, que divide os papéis de “sentir prazer” e “saciar o prazer”, fortalecendo uma hierarquia misógina.

Para debater o tema, foi utilizada a representação da personagem “Clitônia” (**Figura 4**), identificada como “habitante da galáxia clitoriana”. Caracterizada por uma fantasia que remetia à genitália feminina – com luzes neon coloridas –, a personagem apresentou a história do clitóris e informações sobre questões como sexo oral e orgasmo feminino. Além disso, uma ginecologista foi convidada para abordar a temática do ponto de vista científico, tratando sobre masturbação e pílula do dia seguinte, com o objetivo de desmistificar questões consideradas tabus.



Figura 4 - A personagem "Clitônia"

Ressignificar a relação estabelecida entre as mulheres e o prazer sexual é um passo verdadeiramente significativo diante do quadro de exploração e submissão. Mais eficiente que propor novos significados para adjetivos pejorativos – como foi sugerido anteriormente no programa – é propor um novo significado ao papel sexual assumido pelas mulheres.

No momento, várias convidadas se manifestaram contando seus primeiros relatos de masturbação e debatendo sobre histórias de amigas que não tinham qualquer conhecimento sexual sobre seus corpos ou sobre orgasmos. Com esse diálogo, o programa ressaltou a importância de tratar sobre uma temática tão sensível, mas ainda considerada tão tabu, em rede nacional. Mais do que um momento de descontração, a situação foi um modo de utilizar a mídia para promover educação sexual direcionada especificamente para mulheres.

Como explicitado por Duarte e Rohden (2016), existe uma invisibilidade intrínseca ao corpo feminino no discurso midiático sobre sexo. Mesmo na indústria da pornografia, é possível notar a diferença entre a representação do orgasmo feminino e do masculino. Segundo as autoras, nesse tipo de filme, o prazer das mulheres é marcado pela expressão do rosto, pelo gemido e pela movimentação corporal. No caso dos homens, a representação clássica é voltada exclusivamente para a genitália.

Desse modo, fica claro que o orgasmo masculino alcança o máximo de visibilidade, ocupando o papel central na relação sexual. No entanto, para as mulheres, o mesmo ato representa um prazer condicionado à realização do desejo dos parceiros, reforçando a ideia de que o objetivo sexual feminino está ligado exclusivamente à vontade de suprir a necessidade alheia.

Ao debater como o prazer funciona para um público que não está acostumado a ouvir que o seu prazer importa, o programa quebra esse arquétipo e deixa claro que essa divisão de papéis durante as relações sexuais é apenas um reflexo do sistema de opressão misógino que opera na sociedade patriarcal.

Outro quadro apresentado foi o “Qual o poder da música?”, em que os convidados competiram para adivinhar, por meio de um número limitado de notas musicais, o título de canções sobre o empoderamento feminino. Apesar de ter uma grande representatividade por ilustrar o papel da indústria cultural na representação dos papéis de gênero, o momento teve início com uma declaração bastante problemática.

“Nada me excita mais que uma mulher empoderada”, afirmou um dos convidados, sendo aplaudido pelo público. A citação reforça um comportamento que também está carregado de estereótipos, ligados à hiperssexualização e à objetificação feminina. Apesar da mudança no arquétipo da mulher desejada, que deixa de ser a “frágil e inocente” para ser “forte e autoritária”, a padronização se mantém presente.

Segundo Belmiro et al. (2015), o termo objetificação consiste em analisar um indivíduo a nível de objeto, sem considerar seus aspectos emocionais e psicológicos. Nesse caso, quando um homem afirma que considera a mulher “empoderada” excitante, a quebra do papel de fragilidade passa a ser vista como um atributo físico e sexual e perde seu real valor social.

Diante dos avanços que têm sido vivenciados pelas mulheres, o papel que é atribuído à figura feminina tem passado por uma reformulação. Isso não quer dizer, entretanto, que a mudança é necessariamente positiva. Santaella (2008) caracteriza essa nova figura como “mulher híbrida”, que não abdica das conquistas modernas, enquanto mantém os valores tradicionais.

Embora eleja como meta essencial a emancipação e satisfação profissional, intelectual e cultural, essa mulher híbrida não abre mão do amor, do companheirismo, da busca de complementaridade, dos filhos e do conforto doméstico e pessoal, equilibrando-se entre essas figurações, sem submeter-se às tiranias do papel de senhora do lar. (SANTAELLA, 2008, p. 109)

Assim, parabenizar um homem que se coloca como parceiro do movimento feminista enquanto ele objetifica a figura feminina – mesmo diante da condição de que seja empoderada –, é controverso e reforça a existência de uma nova padronização do conceito do que é ser mulher, tão prejudicial quanto o papel de fragilidade inicialmente imposto.

Por fim, o programa abordou a questão da violência contra a mulher, com a participação de uma representante do Disque Denúncia. Na última apresentação da noite, assistentes de palco ergueram números relacionados ao quadro de violência no país (**Figura 5**), que foram explicados pela apresentadora de modo dinâmico, mas bastante impactante.



Figura 5 - Apresentação sobre violência contra a mulher

Reservar o momento de mais seriedade para o final do programa possibilitou que o expectador já estivesse envolvido durante a apresentação. Assim, a dinamicidade da cena e o instante em que ela foi realizada contribuíram ainda mais para que as informações fossem apresentadas com clareza e tivessem um impacto efetivo no público.

CONCLUSÃO

A visão dos movimentos sociais sobre a mídia costuma ser categórica: a imprensa é entendida ou como uma grande vilã que precisa ser combatida no processo de conquista de direitos ou como uma aliada incriticável merecedora de extrema gratidão. No entanto, os dois posicionamentos são extremistas e capazes de dificultar ainda mais a harmonia entre o ativismo e os meios de comunicação.

Por mais que esteja realmente inserida num sistema capitalista – e que, por isso, tenha o lucro como maior objetivo –, a mídia pode ser uma ferramenta muito forte no processo de disseminação de informações e de valorização das causas sociais, especialmente no que diz respeito ao alcance da parcela mais pobre e desinformada da população. Isso porque, mesmo diante do crescimento da internet, os meios tradicionais de comunicação ainda são responsáveis por informar grande parte dos brasileiros.

No caso da televisão, essa influência é ainda mais forte, já que, como descrito por Jesus e Resende (2013), ela altera a percepção do telespectador quanto ao conteúdo que é veiculado. A imagem transmitida pelo meio televisivo aproxima o público da realidade, ao mesmo tempo que é capaz de ressignificar o conceito de real.

Ignorar esse cenário é supor que os movimentos sociais devem se manter apenas nas mídias digitais e no meio acadêmico. É excluir uma parcela altamente afetada pela questão da busca da reafirmação dos direitos humanos e de conquista de direitos civis da discussão sobre seu papel na sociedade e sobre quais mecanismos são necessários para efetivar sua posição nesse contexto.

As mídias alternativas têm sido aliadas do ativismo e assumido um papel fundamental na disseminação desses ideais. No entanto, ignorar a necessidade por representatividade na grande mídia por uma mera resistência ao tradicional é evitar a democratização dessas pautas e, conseqüentemente, o aumento de seu avanço.

As minorias representativas e as causas sociais devem continuar buscando seu espaço na televisão aberta, no rádio e nos meios de comunicação de grande alcance. Isso não quer dizer, entretanto, que a existência dessas pautas nesses ambientes por si só seja suficiente. É preciso retratá-las de maneira séria, responsável e sensível.

É necessário ser didático e reconhecer que existe um mundo distante da militância que também precisa ser atingido por tudo que é debatido dentro dos

ambientes dos ativistas. No entanto, também é preciso analisar de que modo essas informações são apresentadas para evitar que a mídia tradicional continue sendo um meio de disseminação de estereótipos a respeito dos movimentos.

A presença de temáticas como o feminismo e o movimento LGBT em programas de grande audiência como o Amor & Sexo promove o início de uma série de reflexões. Como descrito no site do GShow³, portal da Rede Globo, essa edição do programa possibilitou que a temática fosse debatida com “irreverência e seriedade”. Por meio de mecanismos como o humor e a dinamicidade, foi possível discutir sobre uma temática considerada tabu sem perder a atenção do público.

É preciso manter-se atento aos mecanismos utilizados pelos meios de comunicação para debater sobre temáticas tão sensíveis e garantir que esses temas não sejam banalizados nem tratados apenas com superficialidade. No entanto, também é necessário entender a importância de ocupar esses espaços e garantir que os movimentos sociais sejam debatidos também nos meios tradicionais.

³ GShow, ‘Amor & Sexo’ fala sobre feminismo em programa de estreia. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/tv/noticia/amor-sexo-fala-sobre-feminismo-em-programa-de-estreia-confira.ghtml>>. Acesso em 26 de abril de 2017.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: A experiência vivida**. Traduzido por Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Difusão Européia do Livro, 1967.
- BELMIRO, Dalila et al. **Empoderamento ou Objetificação: Um estudo da imagem feminina construída pelas campanhas publicitárias das marcas de cerveja Devassa e Itaipava**. Rio de Janeiro, 2015.
- CAVALCANTI, Christiane Villela. **A moda de luxo e a mulher em uma capital brasileira**. Belo Horizonte, 2013. Dissertação de Mestrado.
- CUNHA, Francisco Humberto. FERNANDES, Leonísia Moura. **Violência Sexual e Culpabilização da Vítima: Sociedade patriarcal e seus reflexos no Ordenamento Jurídico Brasileiro**. João Pessoa, 2014.
- DUARTE, Larissa Costa. ROHDEN, Fabiola. Entre o obsceno e o científico: pornografia, sexologia e a materialidade do sexo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, vol. 24, n. 3, p.715-737, set/dez. 2016.
- FARINA, Modesto. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. 4. ed. São Paulo: Edgard Blücher, 1990.
- FONSECA, Dagoberto José. **A piada: Discurso sutil da inclusão**. São Paulo, 1994. Dissertação de Mestrado.
- JESUS, Jordane Trindade de. RESENDE, Vitor Lopes. **A Televisão e sua influência como meio: uma breve historiografia**. Juiz de Fora, 2013.
- MÉNDEZ, Natalia Pietra. Feminismo, imprensa e poder no Brasil contemporâneo. **Métis: História & Cultura**, Caxias do Sul, vol. 6, n. 12, p. 269-288, jul./dez. 2007.
- PARKER, Richard. Within four walls: Brazilian sexual culture and HIV/AIDS. IN: HEBERT, Daniel & PARKER, Richard (Orgs.), **Sexuality, politics and AIDS in Brazil: In another world?** London: Falmer, p. 65-84, 1993.
- SANTAELLA, Lúcia. **Mulheres em tempos de modernidade líquida**. Quimera, 2008.
- SAVIETTO, Daniele. **Mulheres e Mídia Global: Uma análise internacional da perspectiva das mulheres sobre suas representações midiáticas**. Coimbra, 2015. Dissertação de Mestrado.